ROMAGEM DO 5 DE OUTUBRO/22 – Cemitério do Alto de S. João

Portugal assinala, a cada ano que passa, três momentos fundadores da sua identidade.

Comemora a 1 de Dezembro a restauração da independência em 1640, simbolizando esta data a nossa condição de Estado- Nação independente e soberano, com uma história de quase nove séculos.

Comemora a 5 de Outubro a instauração da Republica em 1910. Ou seja, o regime em que a legitimidade de todos os titulares dos órgãos de soberania radica no povo, único soberano, de acordo com a igualdade dos cidadãos perante a Lei, com as mesmas oportunidades e plenitude de direitos e deveres. Mas o seu principal legado reside nas sementes de Esperança que plantou…

Comemora a 25 de Abril a Democracia e a Liberdade, conquistadas graças à revolução de 1974.

Assinalamos, desta forma, em três momentos distintos, que somos um país independente, organizado numa República e constituído por cidadãos livres que escolhem quem os dirige.

Mas…a afirmação de um país passa também e sempre, pelo respeito da sua memória colectiva. Esse é um dever patriótico que deve passar de geração em geração, já que a «memória é a consciência da alma» como diz Fernando Pessoa.

Os ideais da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, importados da Revolução Francesa, valores humanistas que são apanágio das sociedades culturalmente desenvolvidas, de forma expressa ou implícita, eram também os valores subjacentes ao ideário Republicano português que, infelizmente, a 1ª Republica não soube, ou não pôde, desenvolver e aprofundar.

“ Não chega que um povo inscreva a Liberdade na sua Constituição para ser realmente livre, torna-se necessário que seja um povo esclarecido” escreveu Montesquieu no século XVIII.

Foi, precisamente a Ciência, o trabalho, a actividade criadora, uma maior equidade, que o pensamento republicano trouxe a um Portugal arcaico.

Para essa modificação do País e do Estado que a República permitiu, identificamos a acção de inúmeras mulheres na vida cívica e politica, correndo riscos e sofrendo incompreensões das mais diversas. De facto, para elas, a Liberdade, Igualdade e Fraternidade, continuaram a ser uma visão num horizonte longínquo.

Referimo-nos, entre muitas outras, a Ana de Castro Osório, Carolina Beatriz Angelo, Maria Veleda e Adelaide Cabete, aqui sepultada. Nestas circunstâncias , não podemos deixar de referir de forma muito sintética, alguns tópicos que Isabel Lousada apresenta em “Perfil de uma Pioneira: Adelaide Cabete (1867 – 1935); primeira socióloga e antropóloga portuguesa, pioneira enquanto médica e educadora, republicana e maçona, socialista e feminista, publicista e pacifista. Rompeu barreiras e combateu estereótipos. Dirigente empenhada na defesa da Justiça, lutando pelos mais vulneráveis, mulheres, grávidas, prostitutas, pobres, crianças e animais. Denunciou, reclamou e avançou com propostas para alteração do quadro legislativo nacional. Foi uma mulher de causas, no país e no estrangeiro, onde chegou a representar a bandeira que a fizera conspiradora, quando em Agosto desse ano redentor, a pedido do G.’. M.’. Adj da Maçonaria Portuguesa, Dr. José de Castro e debaixo do maior sigilo maçónico, confeccionara 20 bandeiras verde-rubras em 24 horas, de cumplicidade com Carolina Beatriz Angelo.

A coerência destas mulheres pode ser aferida pela postura adoptada pela maioria dos membros da então Liga Republicana das Mulheres Portuguesas durante a Ditadura militar e o Estado Novo.
A Maçonaria Feminina portuguesa dos nossos dias revê-se nessas pioneiras que há mais de cem anos deram passos gigantescos no combate à ignorância.

Mas… as sementes do 5 de Outubro, ficaram! Teimaram em crescer constrangidas e mirradas durante o Estado Novo, para desabrocharem vitoriosas, com os cravos de Abril.

A Constituição de 1976 reconheceu a igualdade de direitos, de deveres e de oportunidades a homens e mulheres e a luta pelo reconhecimento da maioridade da mulher no plano profissional, social e cívico, trava-se agora a nível das consciências individuais e colectiva.

Inúmeras são as Mulheres que hoje se destacam, pelo sucesso, em todos os planos da vida cultural, social, económica e política do nosso País e que são o melhor argumento para vencer a tal luta a nível das consciências.
Tantas, felizmente, que é já impossível nomeá-las a todas. Mas apraz-nos, nesta data e neste lugar, prestar homenagem às mulheres que, ontem e hoje, pela sua combatividade, pela sua coragem, pela sua dedicação aos ideais da República e da emancipação da Mulher, em tempos e situações muitas vezes desfavoráveis, fizeram e fazem história, na História do nosso País.

Obviamente, gostaríamos de partilhar esta nossa homenagem com todos os Homens que na sua vida lutaram e continuam a lutar pelos mesmos ideais.

Viva Portugal!!! Viva a República!!! Viva a Liberdade!!!

Disse

Maria Odete Isabel – GM da GLFP

5/10/22